

## A PARÓDIA EM SARAMAGO: A REPRESENTAÇÃO DO DEUS HUMANIZADO EM CAIM

Emanuelle Antunes Valente<sup>1</sup>  
Prof. Dr. Otávio Rios Portela<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho tem por intuito refletir acerca das diferentes perspectivas apresentadas no livro *Caim*, de José Saramago, no qual o autor constrói uma paródia do antigo testamento da bíblia cristã. Buscar-se-á ponderar sobre a representação de deus que Saramago apresenta na obra e que aspectos sobre esse divino ele aborda ao construir a sua paródia, visto que Saramago não está preocupado em criticar a religião, mas salientar as incoerências da figura divina nos diversos episódios da narrativa pelos quais perpassa. Elegemos os episódios de Abel e Caim, Abraão e Isaac e Job para discutir no romance a representação de um deus-personagem que aparenta características e atitudes tão humanas que diferem da imagem idealizada pela humanidade.

**Palavras-chave:** *Caim*; Paródia; Representação; Saramago.

Lenda

Abel e Caim encontraram-se depois da morte de Abel. Caminhavam pelo deserto e reconheceram-se de longe, porque os dois eram muito altos. Os irmãos sentaram-se na terra, acenderam um fogo e comeram. Guardavam silêncio, à maneira das pessoas cansadas quando declina o dia. No céu assomava uma estrela que ainda não tinha recebido seu nome. À luz das chamas, Caim percebeu na testa de Abel a marca da pedra e deixou cair o pão que estava prestes a levar à boca e pediu que lhe fosse perdoado seu crime.

– Tu me mataste ou eu te matei? – Abel respondeu. – Já não me lembro; aqui estamos juntos como antes.

– Agora sei que me perdoaste de verdade – disse Caim –, porque esquecer é perdoar. Procurarei também esquecer.

– É assim mesmo – Abel falou devagar. – Enquanto dura o remorso, dura a culpa.<sup>3</sup>

*Jorge Luís Borges*

José Saramago faz parte de um grupo de escritores portugueses que desde a década de 1970 são responsáveis por um novo tipo de narrativa ficcional, de grande expressão e sucesso, tais como: Lídia Jorge, António Lobo Antunes, Helder Macedo, Teolinda Gersão e Maria Gabriela Llansol. Mas o fato é que Saramago é um escritor denso e complexo, e a sua escrita – apesar de ser característica –, mudou muito desde os seus primeiros livros. É notável a diferença que existe entre o Saramago escritor de *Terra do pecado*, sua primeira publicação, e *Caim*, que é um dos últimos livros do autor e também um dos menos comentados e analisados.

---

<sup>1</sup> Graduanda do 8º período do Curso de Letras - Língua Portuguesa da Universidade do Estado do Amazonas-UEA. E-mail: emanuelle.valente1998@gmail.com

<sup>2</sup> Orientador. Professor Adjunto da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e Coordenador do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH). E-mail: otaviorios@uea.edu.br

<sup>3</sup> Esta epígrafe está na íntegra, pois se trata de um poema de Jorge Luís Borges, que através da prosa poética constrói outra representação da personagem Caim, personagem esta que será estudada neste artigo a partir da representação de José Saramago.

Em seu primeiro romance, lançado na década de 1940, Saramago despontava como escritor em uma era em que o Neorrealismo predominava – ainda que o Surrealismo estivesse em ascensão em Lisboa – e a sua escrita se encaixava nesse modelo literário neorrealista. Carlos Reis discorre sobre a mudança significativa na escrita de Saramago, desde o seu primeiro romance até a consolidação de suas especificidades como escritor:

O romance é, em suma, bem escrito e esse é talvez um dos seus problemas. Um daqueles que Saramago tratou de superar, através de uma longa, lenta e discreta aprendizagem da escrita narrativa, concretizada em trinta anos de imersão no silêncio. Escrita desprogramada, para utilizar uma feliz expressão de José Manuel Mendes, mas também extraordinariamente desenvolta, por um lado, e investida, por outro lado, daquela exigência que é a que pede ao leitor a competente adesão a um ritmo de efabulação hoje inteiramente consolidado: ritmo feito de quase constantes associações de imagens, de jogos verbais insistentes, de um fluir ininterrupto, tanto ao nível da história, como sobretudo ao nível do discurso. De tudo isso e também da famosa reformulação da pontuação, que não poucos engulhos causa a quem ainda não percebeu que ler um texto literário é (também) aderir a uma lógica da singularidade enunciativa que só persiste e se impõe, na medida em que quem a formula é detentor de um projecto literário sólido e coerente. (REIS, 1998, p. 10-11)

Então, notamos que José Saramago mudou sua escrita com o decorrer do tempo e a consolidou como os seus leitores a conhecem atualmente. O fato de ter sido um autor consagrado, ganhador do prêmio Nobel de Literatura, converte Saramago em um escritor bastante visado e, mais ainda, torna característica a sua forma de escrever, a qual é bastante singular e diríamos até inconfundível. Destarte, configurando *Caim* como uma obra cheia de peculiaridades, pois além de toda a estrutura e forma incomum de escrever do autor português – seja pela pontuação ou falta dela, seja por sua escrita às vezes um tanto rebuscada –, nesta obra Saramago sobe a um novo patamar ao usar estratégias tão contemporâneas na construção da narrativa, além de valer-se de uma temática que gerou polêmica antes mesmo de sua publicação.

Linda Hutcheon (1985, p. 13) diz que “a paródia é uma das formas mais importantes da moderna auto reflexividade; é uma forma de discurso interartístico”. Saramago, então, utiliza-se da paródia para compor essa obra, que trata da história amplamente conhecida por cristãos ou não cristãos que tenham alguma proximidade com o cristianismo, pois na bíblia consta que: Caim mata o próprio irmão Abel; Abraão quase sacrifica a seu filho Isaac por ordem de Deus; Job tem sua fé posta em prova por esse mesmo Deus.

A proposta do presente artigo não é discutir as crenças de Saramago, uma vez que o autor se autodeclara ateu, tampouco questionar a existência ou a não existência de Deus. Pretende-se ponderar acerca de algumas incoerências nas ações do ser divino cristão representado em *Caim*, incoerências estas que são habilmente apontadas pelo autor português,

levantando reflexões sobre certa humanidade presente na constituição de Deus como um personagem (não querendo ferir a opinião, crença ou religião de quaisquer indivíduos) sujeito a erros, ataques de fúria, algum grau de narcisismo latente e sempre colocando à prova a adoração e devoção da humanidade para com ele.

Para isso, visitaremos alguns conceitos fundamentais para a compreensão da proposta deste artigo. Em primeiro momento, discutiremos a ideia do que seria a representação, seguindo a linha de pensamento de Stuart Hall (2016), que traz além de conceitos, algumas reflexões interessantes sobre como a sociedade atribui sentido às coisas pela forma que as representa. Após, discorreremos em uma breve explanação do que viria a ser o divino cristão, partindo das premissas do teólogo cristão James Boice (2011), que expõe um quadro geral do que seria o divino cristão, Deus. Em seguida, será exposta a teoria sobre paródia que Linda Hutcheon (1985) aborda em seus escritos, para então apresentarmos porque afirmamos ser esta obra de Saramago uma paródia.

Por fim, seguindo a sequência do artigo, refletiremos sobre alguns questionamentos que surgiram no decorrer da pesquisa, tais como: Por que a escolha da personagem de Caim para ser o “porta-voz” da paródia saramaguiana? Qual o intuito dos saltos temporais que acontecem no decorrer da narrativa e qual a sua importância para o desenvolvimento da obra? Questões estas que levam a reflexões e pedem por respostas. E, por último, entraremos na análise propriamente dita do romance, que se restringirá a três episódios do mesmo, visto que eles transparecem a proposta do trabalho, que visa demonstrar como Saramago, através da paródia, preenche lacunas da narrativa bíblica a ponto de revelar um deus-personagem com características humanas.

Partindo dessas inquietações, “representação é a produção do sentido pela linguagem” (HALL, 2016, p. 53) e esse sentido se refere à construção que se faz de algo ou alguém. Dessa forma, a figura divina cristã, Deus, é construída de diversas maneiras no inconsciente da sociedade ocidental e cada indivíduo o representa de uma forma diferente, seja a sua fisionomia, sejam suas ações. Segundo Stuart Hall (2016), nós concedemos sentido às coisas pela forma como as representamos nas palavras que usamos para nos referir a elas, as histórias que narramos a seu respeito, como as classificamos ou conceituamos, ou seja, representamos a partir dos valores que nela colocamos.

Saramago sugerir um deus falho e humanizado, em *Caim*, é de certa forma desconcertante para quem não consegue diferenciar a crença da personagem de ficção. Mas para aqueles que conseguem fazer a leitura de uma forma despreziosa, é possível notar que o autor cria uma representação do divino de forma que reflexões vão surgindo, pois é uma

representação que desmistifica este ser, revelando uma face contrária à de sempre, bom e piedoso, em clara crítica às contradições desse deus, contradições essas que também estão presentes, de certo modo, na narrativa bíblica.

Vale salientar que não é somente nesta obra que o autor português representa Deus, Jesus ou a própria doutrina cristã de forma singular, ele o faz em *O Evangelho segundo Jesus Cristo* e *Memorial do Convento*, por exemplo. Saramago percebe que as histórias bíblicas narradas deixam diversas lacunas que levam a uma pluralidade de interpretações e, por isso, a obra aqui analisada e as obras citadas acima têm por objetivo acentuar esses espaços em branco para então preenche-los de alguma forma.

Uma pergunta se faz necessária: o que viria a ser o divino cristão? De forma sucinta, o divino cristão é um ser que governa o mundo e que se manifesta em três personalidades, conhecidas como a trindade santa: Deus-Pai, Deus-Filho e Deus-Espírito Santo. No livro *Fundamentos da fé cristã – Um manual de teologia ao alcance de todos*, James Boice afirma: “A base dessa terceira abordagem<sup>4</sup> é que há um Deus que criou todas as coisas, que Ele mesmo estabeleceu um propósito para a criação e que podemos conhecê-lo.” (BOICE, 2011, p. 21).

A denominação *EU SOU O QUE SOU* está ligada ao nome de Deus, *Jeová*. Todavia, isso é mais que um nome; é um nome descritivo, apontando para tudo o que Deus é em si mesmo. Em particular, mostra que Ele é aquele que é totalmente autoexistente, autossuficiente e eterno. Esses são conceitos abstratos, mas importantes, pois tais características, mas do que quaisquer outras, diferenciam Deus de Sua criação e revelam o que Ele é. Deus é perfeito em todos os Seus atributos. (BOICE, 2011, p. 89)

Todavia, Saramago não se apega a esse entendimento de Boice ao escrever *Caim*, visto que para construir paródias de narrativas do antigo testamento não é necessário acreditar no que está escrito, principalmente levando em conta que o autor é ateu, basta ver a escrita bíblica também como ficção. Como afirma Linda Hutcheon: “o texto «alvo» da paródia é sempre outra obra de arte ou, de forma mais geral, outra forma de discurso codificado.” (1985, p. 28).

## 1 Uma teoria da paródia para *Caim*

A narrativa bíblica de *Caim* é bastante conhecida. O irmão que não agradava a Deus ao passo que o outro irmão, Abel, era benquisto, tendo seus sacrifícios aceitos. E da mesma maneira como acontece na bíblia, o romance de Saramago inicia no jardim do Éden, desde a

---

<sup>4</sup> Para tentar compreender o mundo e a realidade que o cerca, Boice (2011) apresenta três abordagens. A primeira abordagem diz que a realidade pode ser conhecida através da *razão*, por exemplo, seguindo as leis da ciência. A segunda abordagem diz respeito a uma tentativa de alcançar a realidade por meio da *emoção*, por exemplo, entrar em êxtase seguindo os preceitos de religiões orientais.

criação de Adão e Eva até o momento em que são expulsos. A trama desenrola-se mostrando um pouco do que seria a vida do casal pós-expulsão do paraíso, até o momento em que a cena muda e a personagem Caim é introduzida. A partir deste ponto, a narrativa passa a acompanhar Caim como protagonista.

No livro em questão, narrativas bíblicas são reinterpretadas pontualmente, sendo que em todas elas temos Caim como parte fundamental para o desenvolvimento e desfecho. Todos os episódios apresentados no livro são: o conflito entre Caim e Abel; a passagem de Caim pela cidade de Nod e o seu envolvimento com Lilith; o sacrifício de Isaac, que tem grande interferência de Caim; a construção da torre de Babel; a destruição de Sodoma e Gomorra; o êxodo de Moisés e o povo da região de Madian; o teste da fé de Job; a construção da arca de Noé. Por necessidade de delimitação para a análise, este artigo elegeu apenas três episódios, a saber: i) o conflito entre Caim e Abel que resulta na morte deste último; ii) a ordem de Deus para que Abraão sacrifique seu filho Isaac, que por pouco realmente escapa desta morte em sacrifício; e iii) o teste da fé de Job, provocado por uma disputa entre Deus e o diabo.

Entendemos a obra de Saramago como uma paródia, partindo da abordagem de Hutcheon (1985), que apresenta as teorias da paródia em duas categorias:

[...] as que a definem pela sua natureza cômica e as que preferem acentuar a sua função crítica. O que é comum a ambos os pontos de vista, no entanto, é o conceito de ridículo. Como subgênero do cômico, a paródia torna o seu modelo caricato: esta é uma tradição. [...] A maioria dos teóricos querem incluir o humor ou a irrisão na própria definição de paródia [...]. Para outros, todavia, a paródia é uma forma de crítica artística séria, embora a sua acutilância continue a ser conseguida através do ridículo. (HUTCHEON, 1985, p. 70)

A primeira categoria, que apresenta uma natureza mais cômica, talvez seja a mais conhecida. Normalmente, vem carregada de ironia, de sarcasmo e é ligada ao humor juvenil, não acentuando qualquer função crítica. Já a segunda categoria que Hutcheon apresenta é a paródia como crítica artística séria, pois parte de uma obra produzida anteriormente, mas apresentando uma nova perspectiva, que pode ou não conter o humor ou ironia. Para esta discussão, a segunda categoria se encaixa melhor, simplesmente pelo fato do autor português não se ater a críticas vazias e diretas ao cristianismo buscando o humor, mas sim por se utilizar da transcontextualização<sup>5</sup> para apontar brechas nos episódios da narrativa que passaram despercebidas pela superioridade da fé. Assim, ao representar a divindade e as demais personagens como ficção, pode-se facilmente criticar e questionar tais situações a partir do viés literário.

Como dito anteriormente, os saltos temporais no decorrer da narrativa causam inquietação, pois todos os episódios escolhidos pelo autor para compor o romance não são

<sup>5</sup> Este termo é utilizado nas discussões de Linda Hutcheon (1985) sobre a paródia.

necessariamente aleatórios, visto que em todos é possível ver um padrão em que deus tem atitudes questionáveis. Esses saltos temporais e geográficos nos levam a crer que Saramago tinha plena consciência de que tais escolhas fariam com que a trama seguisse um padrão. Este padrão acontece sempre com Caim, por meio do jumentinho recebido de deus, surgindo em determinados lugares, e ao deparar-se com situações que colocam este mesmo deus e suas ações em xeque, ocasionando o confronto Caim *versus* deus, homem *versus* divindade, por notar o quão injusto e por vezes arrogante deus poderia ser.

Dessa forma, sustentamos outra vez que esta obra é uma paródia, pois segundo Hutcheon (1985, p. 70) “a paródia é uma forma de crítica artística séria [...] a paródia tem a vantagem de ser simultaneamente uma recriação (*sic*) e uma criação, fazendo da crítica uma espécie de exploração activa da forma”. Logo, Saramago, ciente de suas escolhas de narrativas bíblicas, lança mão da paródia como uma possibilidade de crítica à condição lacunar dos textos que compõem a tradição cristã.

### 1.1 Caim como anti-herói

Desde as tragédias gregas, nos mitos, se constroem vários tipos de arquétipos que constituem uma história, quase como membros de um corpo, exercendo funções específicas. Destacamos aqui os mais conhecidos: o herói, o mentor; o guardião de limiar; o arauto; o camaleão; o sombra; o pícaro. Sendo que todos os outros arquétipos após o herói são como a projeção da personalidade dele próprio. De qualquer forma, nos deteremos em dar maior atenção ao herói, pois este estudo propõe tratar de um tipo especial deste, o anti-herói.

Joseph Campbell em *O Herói de Mil Faces*, apresenta algumas definições de herói:

Tipicamente, o herói do conto de fadas obtém um triunfo microcósmico, doméstico, e o herói do mito, um triunfo macrocósmico, histórico-universais. Enquanto o primeiro — o filho mais novo ou desprezado que se transforma em senhor de poderes extraordinários — vence os opressores pessoais, este último traz de sua aventura os meios de regeneração de sua sociedade como um todo. Os heróis tribais ou locais, tais como o imperador Huang-ti, Moisés ou o asteca Tezcatlipoca, comprometem as bênçãos que obtêm com um único povo; os heróis universais — Maomé, Jesus, Gautama Buda — trazem uma mensagem para o mundo inteiro. (CAMPBELL, 1949, p. 24)

A palavra “herói” vem do grego e significa “proteger e servir”, e de acordo com o dicionário Aurélio (1999, p. 1037) quer dizer: “homem extraordinário por seus feitos guerreiros, seu valor ou sua magnanimidade”. Geralmente o herói é o centro da narrativa e passa por diversas adversidades antes de alcançar a vitória, não só por ele, mas também pelos outros. Por isso, é uma personagem que causa grande identificação em todos. Por conseguinte, o herói é

aquele que sai em uma jornada, se sacrificando pelo bem comum; além de se modificar a partir da história, pois cada ato de sua jornada o transforma e traz à tona sentimentos profundos sobre si mesmo.

Segundo Vogler (2006), as histórias são responsáveis por transportar o herói do Mundo comum para o Mundo especial, onde se desenvolve a jornada e a força do destino é primordial para isso. Na obra *O mágico de Oz*, por exemplo, é necessário apresentar Dorothy vivendo a vida simples e monótona no Kansas (Mundo comum), antes de ser levada pelo furacão ao mundo de Oz (Mundo especial), apresentando um claro contraste de vivências.

Como diz o título do livro de Campbell, o herói tem mil faces e Vogler afirma o seguinte:

Há Heróis de vários tipos, incluindo os que querem e não querem ser heróis, os solitários e os solidários, os Anti-Heróis, os Heróis trágicos e os catalisadores. Como todos os outros arquétipos, o conceito de herói é muito flexível, e pode expressar muitos tipos diferentes de energia. Os Heróis podem se combinar com outros arquétipos e produzir híbridos, como o Herói Picaresco, ou podem vestir, provisoriamente, a máscara de outro arquétipo, e assim transformar-se num Camaleão, num Mentor ou em Outros – até mesmo numa Sombra. (VOGLER, 2006, p. 57)

O autor apresenta os vários tipos de herói para demonstrar como este é o cerne da narrativa e é fundamental para o seu desenvolvimento. Deste modo, apresentamos então o anti-herói, que é um tipo de herói marginalizado, que para alguns leitores é um vilão propriamente dito, mas que para outros é digno de solidariedade, justamente por ser causa de identificação, pois a plateia – ou no caso o leitor – pode se sentir marginalizado perante muitas situações em suas próprias vidas. O anti-herói é como se fosse um espelho que reflete as inseguranças e medos da plateia, mas que reflete também o desejo de justiça pelas mazelas da sociedade, tudo isto independente dos atos falhos. Vogler apresenta os anti-heróis em duas categorias:

1. Personagens que se comportam de modo muito semelhante aos Heróis convencionais, mas a quem é dado um toque muito forte de cinismo, ou uma ferida qualquer, como os personagens vividos por Humphrey Bogart em *A beira do abismo* e *Casablanca*. 2. Heróis trágicos, figuras centrais de uma história, que podem não ser admiráveis nem despertar amor, e cujas ações podemos até deplorar — como *Macbeth*, ou *Scarface*, ou o personagem Joan Crawford em *Mamãezinha querida*. (VOGLER, 2006, p. 58)

No caso da narrativa analisada neste artigo, afirmamos que a personagem principal, Caim, se encaixa em uma mescla dos dois tipos de anti-herói. Dizemos isto porque o protagonista é apresentado como um assassino do próprio irmão e que esse defeito ou erro pode até ofuscar qualquer qualidade, mas a partir do momento em que passa a ser o “anunciador” das ações questionáveis de deus, é como se ele buscasse abrir os olhos da humanidade, sendo aqui caracterizado como anti-herói por ir contra o ser divino cultuado.

Saramago poderia ter escolhido qualquer personagem da bíblia para ser o protagonista dessa obra, visto que ao parodiar o texto original o autor se apropria do texto para poder recriá-lo. Dito isto, por que então escolher Caim? Uma figura tão pouco mencionada e sem muita ênfase nas escrituras, mas de certa forma misteriosa e duvidosa. Talvez por ser pouquíssimo conhecido é que Caim se torna a escolha perfeita para a proposição de Saramago, justamente por dar vazão à imaginação e à uma nova construção da personagem com mais liberdade.

Esse questionamento nos levou à reflexão de Caim como um anti-herói. Olhando por uma ótica diferente, percebem-se alguns pontos interessantes que poderiam ser a razão da escolha saramaguiana: Caim é filho do primeiro casal, expulsos do paraíso por desobediência; Caim não foi correspondido quanto ao seu sacrifício por deus; Caim era um humano, cheio de falhas e sujeito a erros (nada que justifique matar o próprio irmão). Mas e se deus, assim como fez com Abel, tivesse aceitado o sacrifício do outro irmão? Caim, justamente por esse impasse com o ser divino, passa a enxergá-lo de outra maneira, passa a ver suas incoerências e suas atitudes questionáveis.

Acreditamos que por esses motivos Saramago escolheu Caim como seu anti-herói, um anti-profeta talvez, pois a partir do momento que Caim passa a confrontar o que vê como errado, o intuito não é proclamar deus e toda sua grandiosidade e bondade, e sim mostrar ou “proclamar” a todos que estivessem a seu alcance, o quão contraditório deus poderia ser, para que a humanidade “abrisse” seus olhos: “Quando Saramago escreve sobre Caim, ele o transforma em um profeta “às avessas”, condenando deus em uma perspectiva humana.” (CARVALHO, 2011, p. 36).

Justamente por ser um dos personagens duvidosos da bíblia, Caim é o responsável por exaltar as ações também duvidosas do criador, para que possam assim ser justas as acusações direcionadas a ele, pois um humano falho e um divino também falho estão em par de igualdade, o que dá margem para que Caim questione e acuse sem estar abaixo de deus. No último conflito entre deus e Caim, este diz: “Teria de chegar o dia em que alguém te colocaria perante a tua verdadeira face” (SARAMAGO, 2017, p. 172), E desde o início da narrativa de Saramago, Caim é o alguém responsável por confrontar deus e mostrar sua verdadeira face.

Assim, a ideia de imagem e semelhança que o deus cristão pensou para a humanidade é invertida, uma vez que nesse contexto da narrativa é deus quem passa a ser imagem e semelhança do humano, ao apresentar falhas, o egoísmo ou egocentrismo e ações questionáveis, sendo estas características associadas ao ser humano, mas que contrariando as expectativas e a autoproclamação divina, também estão impregnadas nas características do divino cristão.

## 1.2 Humanização de deus em *Caim*, de Saramago

O termo humanização foi usado aqui com a finalidade de relacionar as ações divinas, que logo serão discutidas, com ações que humanos normalmente cometeriam de modo banal. Não cabe aqui um conceito mais aprofundado do que seria humanização, basta fiar-se na ideia de humanização de alguém, deus no caso, que demonstra ter características, atos e aspectos humanos, sendo o espelho direto da humanidade.

Em cada um dos episódios da bíblia que Saramago parodia em *Caim* há a presença de deus em toda a sua onipresença, mas em alguns episódios específicos pode-se ver com mais clareza como essa presença e as ações de deus causam impacto direto na humanidade, justamente por deixarem de lado toda a bondade e generosidade, para dar lugar às falhas de caráter, arrogância e prepotência, características normalmente ligadas aos humanos. Por isso, como já mencionado, elencamos três episódios da narrativa (o conflito entre Caim e Abel; o sacrifício de Isaac pela mão de Abraão; o teste da fé de Job;) que demonstram: primeiro, essas características humanas em deus; segundo, o embate entre deus e Caim; e terceiro, o papel de Caim.

Saramago reconta a narrativa bíblica de forma diferente da conhecida, desde a infância até a maioridade de Caim e Abel. “Desde a mais tenra infância caim e abel haviam sido os melhores amigos, a um ponto tal que nem irmãos pareciam, aonde ia um, o outro ia também, e tudo faziam de comum acordo.” (SARAMAGO, 2017, p. 32). Neste trecho, pode-se perceber que os irmãos, filhos do primeiro casal, eram amigos e tinham boa convivência. O que então seria tão devastador que faria um irmão matar o outro? Se a princípio esta nunca seria uma opção, obviamente houve alguma interferência e Saramago demonstra o que aconteceu no trecho a seguir:

Abel tinha o seu gado, caim o seu agro, e, como mandavam a tradição e a obrigação religiosa, ofereceram ao senhor as primícias do seu trabalho, queimando abel a delicada carne de um cordeiro e caim os produtos da terra, umas quantas espigas e sementes. Sucedeu então algo inexplicado. O fumo da carne oferecida por abel subiu a direito até desaparecer no espaço infinito, sinal de que o senhor aceitava o sacrifício e nele se comprazia, mas o fumo dos vegetais de caim, cultivados com um amor pelo menos igual, não foi longe, dispersou-se logo ali, a pouca altura do solo, o que significava que o senhor o rejeitava sem qualquer contemplação. ” (SARAMAGO, 2017, p. 32-33)

Este excerto da narrativa representada por Saramago é descrito da mesma forma que a narrativa bíblica. O fato de um filho ser mais bem-sucedido e aceito que o outro é o ponto de convergência principal entre as narrativas, e o que vem a seguir se torna uma consequência da preferência de deus por uns e não por todos. A partir deste ponto, é que podemos reafirmar *Caim*

como uma paródia, pois apesar de ter semelhança com a obra original, o autor português representa e apresenta uma nova perspectiva para a narrativa.

Sabe-se que o ponto trágico desse episódio culmina no assassinato de Abel por Caim, mas na narração de Saramago a ação ou falta de ação de deus perante esse incidente é a lacuna que vai ser preenchida e vai demonstrar o primeiro ponto de análise das ações humanizadas de deus no episódio. Após todo o momento dramático da morte de Abel, acontece o confronto entre deus e Caim:

Que fizeste com teu irmão, perguntou, e caim respondeu com outra pergunta, Era eu o guarda-costas de meu irmão, Mataste-o, Assim é, mas o primeiro culpado és tu, eu daria a vida pela vida dele se tu não tivesses destruído a minha, Quis pôr-te à prova, E tu quem és para pões à prova o que tu mesmo criastes, Sou o dono soberano de todas as coisas [...] Sacrilégio, Será, mas em todo o caso nunca maior que o teu, que permitiste que abel morresse, Tu é que o mataste, Sim, é verdade, eu fui o braço executor, mas a sentença foi ditada por ti, O sangue que aí está não o fiz verter eu, caim podia ter escolhido entre o mal e o bem, se escolheu o mal apagará por isso, Tão ladrão é o que vai à vinha como aquele que fica a vigiar o guarda, disse caim. (SARAMAGO, 2017, p. 34-35).

Sobre esse trecho, o que logo chama atenção é a frase dita por deus: “Sou o dono soberano de todas as coisas”. Vemos claramente uma certa arrogância e prepotência do ser que apesar de transparecer como quem provê coisas boas, bênçãos e cuidados, é na verdade como uma máscara para esconder um ser mesquinho e narcisista, que não admite estar errado. Nesse momento, deus mostra uma faceta até então despercebida: a de que apesar do livre arbítrio dado aos humanos, se este quiser interferir ou impedir que algo aconteça, ele pode fazê-lo, principalmente nesse caso em que se trata de um assassinato. O fato de não haver interferência é como se a culpa fosse dividida em duas partes, tanto para aquele que pratica – Caim –, quanto para aquele que permite – deus –, uma culpa compartilhada.

O papel de Caim neste episódio é justamente por ele ser um dos atores da tragédia e é o ponto inicial em que passa a se questionar sobre deus e seu comportamento. E após a morte de Abel, há o primeiro confronto entre deus *versus* Caim e aquele é revelado como um autor intelectual do crime, tanto pela clara preferência de um irmão ao outro, quanto por não interferir no que veio a suceder-se, ou seja: na morte de Abel, deus seria tão culpado quanto Caim. Então, partindo do pressuposto de que a culpa não é somente de Caim, deus dá uma “punição” um tanto branda para este, e diz o seguinte: “Andarás errante e perdido pelo mundo[...] porei um sinal na tua testa, ninguém te fará mal” (SARAMAGO, 2017, p. 36).

O segundo episódio escolhido, o sacrifício de Isaac pelas mãos de seu pai Abraão, na narrativa bíblica, acontece da seguinte maneira: deus, para pôr à prova a obediência e testar a fé de Abraão, ordena que este dê seu único filho, que foi concebido com tanta dificuldade, em sacrifício. Abraão, obediente, acata a ordem e leva Isaac até um monte para oferecê-lo em

sacrifício, mas no momento em que Abraão iria aplicar o golpe com a faca, um anjo surge dizendo que este não precisava mais sacrificar Isaac, pois agora Deus tinha conhecimento de sua fé. Na paródia saramaguiana conhecemos também esse episódio a partir da visão de Caim.

[...] convém saber como isto começou para comprovar uma vez mais que o senhor não é pessoa em quem se possa confiar. Há uns três dias, não mais tarde, tinha ele dito a abraão, pai do rapazito que carrega às costas o molho de lenha, Leva contigo o teu único filho, isaac, a quem tanto queres, cai á região do monte mória e oferece-o em sacrifício a mim sobre um dos montes que eu te indicar. [...] Chegando assim ao lugar de que o senhor lhe tinha falado, abraão construiu um altar e acomodou a lenha por cima dele. Depois atou o filho e colocou-o no altar, deitado sobre a lenha. Acto contínuo, empunhou a faca para sacrificar o pobre rapaz e já se dispunha a cortar-lhe a garganta quando sentiu que alguém lhe segurava o braço, ao mesmo tempo em que uma voz gritava, Que vai você fazer, velho malvado, matar seu próprio filho[...] Quem é você, Sou caim, sou o anjo que salvou a vida de isaac. (SARAMAGO, 2017, p. 78-80)

Apesar de iniciar a narrativa de *Caim* da mesma forma que a narrativa bíblica, Saramago constrói o final deste episódio de outra maneira, pois Abraão não é parado por um anjo, após deus perceber a fé do pai, Abraão. Na narrativa saramaguiana, a morte de Isaac seria certa se a personagem Caim não tivesse chegado a tempo para interferir. E neste ponto, podemos notar que Saramago usa da ironia para recriar este momento, principalmente ao dizer que o anjo que deus havia mandado estivera com problemas técnicos em suas asas e por isso chegou atrasado, quase causando uma tragédia.

Neste episódio, não há um embate direto entre deus e Caim. Esse conflito está a cargo do protagonista e o anjo, servo do divino. Saramago apresenta aqui a indignação do narrador e de Caim com a ordem dada a Abraão. “O leitor leu bem, o senhor ordenou a abraão que lhe sacrificasse o próprio filho. [...] O lógico, o natural, o simplesmente humano seria que abraão tivesse mandado o senhor à merda, mas não foi assim.” (SARAMAGO, 2017, p. 79). Além de que, após a chegada do anjo, Caim - que já estava deveras indignado - discute com o anjo pelo fato deste ter se atrasado para cumprir a sua missão e mais ainda por deus ter dado a ordem a Abraão que poderia ter acabado de uma maneira muito ruim. E mesmo assim, o anjo insiste em dizer que no céu chamam o que Abraão fez de “obediência divina”.

Confere-se, nesta passagem de Caim, o questionamento pertinente que corrobora com a visão de um Deus masoquista e arrogante, fazendo de seu universo, todavia, uma das fontes para comprazer sua patologia transfigurada e que lhe afeta no dado momento de agir. Posto assim, o caso revisitado de Abraão e Isaac, é conferível como exemplo maior do sadismo – caracterizado por Sigmund Freud no campo da sexualidade e suas contextualizações atípicas, apresentado em sua obra “Três ensaios sobre a teoria de sexualidade”. (SUMAN, 2012, p. 06)

Este episódio, assim como o próximo a ser analisado, apresentam a personagem divina tendo a necessidade de provar a sua superioridade. Ao dar a ordem ao pai (Abraão) para que

matasse seu próprio filho (Isaac) deus mostra a face da arrogância, em que pode conseguir o que quiser, mesmo que para chegar a isso precise ver a dor de sua criação, apenas para confirmar que é o senhor todo-poderoso ou simplesmente para ver o sofrimento alheio a partir de uma atitude sádica. E a princípio quem expõe essa face a todos é Caim, porém Isaac também passa a ter suas reservas acerca das ações de deus e questiona Abraão.

Pai, que mal te fiz eu para teres querido matar-me, a mim que sou o teu único filho, Mal não me fizeste, isaac, Então por que quiseste cortar-me a garganta como se eu fosse um borrego, perguntou o moço, se não tivesse aparecido aquele homem para segurar-te o braço, que o senhor o cubra de bênçãos, estarias agora a levar um cadáver para casa, A ideia foi do senhor, que queria tirar a prova, A prova de quê, Da minha fé, da minha obediência, E que senhor é esse que ordena que mate o seu próprio filho,[...] Então o senhor é capaz de tudo, do bom, do mau e do pior, Assim é, Se tu tivesses desobedecido à ordem, que sucederia, perguntou isaac, O costume do senhor é mandar a ruína, ou uma doença, a quem lhe falhou, Então o senhor é rancoroso, Acho que sim, respondeu abraão em voz baixa, como se temesse ser ouvido (SARAMAGO, 2017, p. 81-82).

A partir das indagações de Isaac e pensando sob a perspectiva de Saramago, não há mesmo algum sentido plausível para que deus tenha feito tal pedido a Abraão, pois não havia uma necessidade clara para a ordem de deus, e ter o principal prejudicado se rebelando demonstra que as ações questionáveis de deus não estão passando despercebidas, visto que pai e filho percebem, mas por medo da ira divina deixam-se ser usados a bel prazer. E como já dito anteriormente, neste momento é revelada mais uma faceta do divino, de que ele necessita da confirmação da fé de seus devotos. Ele permanece o ser intocado que é digno de obediência plena. O que Caim mais adiante na narrativa salienta com a seguinte sentença: “[...] o que aconteceu com Abraão a quem Deus, para o pôr à prova, ordenou que matasse o seu filho Isaac, em minha opinião, se o senhor não se fia das pessoas que creem nele, então não vejo por que tenham essas pessoas de fiar-se do senhor [...]” (SARAMAGO, 2017, p. 135).

O papel de Caim neste episódio é fundamental para o desenrolar da narrativa, pois além de ser um ator que participa diretamente do clímax do episódio, também tem grande influência nas conclusões de Isaac sobre a ação questionável de deus. Apesar de não haver um conflito direto com o divino, como ocorre em outros episódios, o fato de Caim questionar qual o propósito de toda a situação de sacrifício incita nos outros personagens a dúvida, ainda que de forma diferente, pois Isaac fica igualmente indignado por ser posto em sacrifício. Por sua vez, Abraão, mesmo não entendendo, só transparece o medo que sente de deus. Dessa forma, deus é mais uma vez confrontado pela humanidade, e agora não só por Caim, mas por Isaac também.

O terceiro e último episódio a ser analisado neste artigo trata da narrativa de Job, que na bíblia consta da seguinte forma: Jó era um homem muito rico em sua região, era casado e

pai de dez filhos, era um homem piedoso, íntegro, correto e temente a Deus. Entretanto, satanás estava de olho em Jó e Deus com toda sua onipresença sabia disso e questiona aquele o motivo de toda essa atenção, visto que Jó era um homem tão bom e obediente. Satanás diz que este só é assim porque o divino lhe dá tudo, riqueza, bens, saúde e a sua família, mas que se tudo for tirado dele logo vai deixar de ser tão devoto e obediente.

Então Deus dá permissão ao diabo para que faça o que quiser com Jó, menos tirar a vida dele, isto por confiar que o servo não mudará independente da pior situação que estiver. Assim, satanás vai tirando tudo o que Jó possui, primeiro as suas terras e bens, depois tirou seus filhos e filhas, e por fim, tirou a saúde dele, fazendo surgir feridas dolorosas por todo seu corpo. Mesmo com todo esse sofrimento, Jó permaneceu confiante nos propósitos divinos, mesmo que as pessoas a sua volta o instigassem a duvidar dos planos de Deus. Dessa forma, após o divino confirmar a devoção de Jó, tudo é devolvido a este em dobro, sua riqueza, seus filhos e filhas e sua saúde dando uma longa vida ao devoto.

Na narrativa saramaguiana Caim surge na cidade de Us onde Job (*sic*) mora e por estar sem dinheiro pergunta a dois homens onde pode conseguir algum trabalho, estes o reconhecem de um episódio anterior em Sodoma e Gomorra e revelam-se como anjos que estão ali a mando de Deus. Caim então questiona o porquê de eles estarem ali e após uma breve discussão se deveriam ou não contar a ele findam por explicar o acordo entre Deus e satanás neste primeiro momento, a narrativa de Saramago é bastante semelhante à narrativa bíblica. Os anjos dizem que se fazem presentes ali para não deixarem que satanás seja muito cruel em relação a Job:

“Então caim disse, Se bem entendi, o senhor e satã fizeram uma aposta, mas job não pode saber que foi alvo de um acordo de jogadores entre deus e o diabo, Exactamente, exclamaram os anjos em coro, A mim não me parece muito limpo da parte do senhor, disse caim, se o que ouvi é verdade, job, apesar de rico, é um homem bom, honesto, e ainda por cima muito religioso, não cometeu nenhum crime, mas vai ser castigado sem motivo com a perda dos seus bens, talvez, como tantos dizem, o senhor seja justo, mas a mim não me parece” (SARAMAGO, 2017, p. 135.)

E aqui é onde o conceito de justiça de deus é questionado, visto que Job era um homem muito devoto, obediente e temente a deus e ainda assim teve de perder tudo somente para o ser divino cristão sentir-se maior e com o ego inflado por mais uma vez estar acima de satanás. Mas nada justifica ser tão injusto com Job e aqui desponta traços de um egoísmo inescrupuloso. Além de que, alguma negligência também é vista aqui, pois a princípio deus foi muito cuidadoso com sua criação, para depois fazer dela parte de uma aposta para “testar” a fé de um dito filho de deus. A tal paternidade divina foi totalmente esquecida e posta de lado, dando lugar ao uso de seus filhos como peças de um jogo de interesses que resulta em humilhação e perdas por parte de Job, o filho.

Neste episódio também não vemos um conflito entre deus e Caim, mais uma vez são anjos, servos do senhor, que recebem as indagações e acusações do protagonista. Formulamos uma hipótese para essa questão: deus estaria se “escondendo” por trás de seus servos, visto que ter alguém questionando suas ações não passaria de modo despercebido, levando em consideração que deus é onipotente, onipresente e onisciente, mas que por preferência se recolhe a ignorância para não ter que lidar com as acusações sobre essas mesmas ações. Talvez até para não se exceder e perder a “razão” acerca dos propósitos que tem para a humanidade.

E após toda a situação a qual Job teve que lidar, há uma outra personagem, antes pouco mencionada, que não chorou nem pela morte dos próprios filhos, mas que questiona a veracidade desses propósitos, a mulher de Job. “Ainda continuas firme na tua rectidão, eu, se fosse a ti se estivesse no teu lugar, amaldiçoaria a deus ainda que daí me viesse a morte [...] Para o mal estava aí Satã, que o senhor nos apareça agora como seu concorrente é coisa que nunca me passaria pela cabeça” (SARAMAGO, 2017, p. 139-140). A mulher de Job não é nomeada no romance e ainda assim levanta um ponto interessante ao colocar deus e o diabo no mesmo patamar de maldade.

Cabe mencionar que tanto Job quanto a mulher não têm a certeza de que estão sob as agruras de uma disputa feita entre Deus e o Diabo, deixando entrever que a desconfiança da mulher é uma verdade. Job é limitado pela fé e pela crença, enquanto a mulher, arguta, expressa a voz racional que deflagra mais uma das vontades perversas de deus na história, agora utilizando Satanás para cumprir seus intentos. (NERY, 2016, p. 164)

Dessa forma, temos duas visões referentes às ações de deus: a positiva (Job) e a negativa (Caim e mulher de Job). O papel da personagem ligada à visão positiva é levantar um polo de conflito em que acredita que tudo que deus faz tem um propósito tendo como motivação a fé. Por outro lado, o papel das personagens com visão negativa é justamente trazer à tona as incoerências infundadas das ações divinas, Caim, mais especificamente tem o papel de questionador, diferente dos episódios anteriores (Caim e Abel/Abraão e Isaac) aqui ele não está diretamente ligado aos acontecimentos, mas ao tomar conhecimento da situação se vê na obrigação de questionar e buscar por coerência para as ações contraditórias, visto que deus deveria ser bom para a sua criação.

Em outros episódios como Sodoma e Gomorra e a arca de Noé, pode ser que deus tenha tido uma “justificativa” para cometer atos cruéis, levando em consideração os atos impróprios dos humanos que viviam em pecado, mas em Job vemos um único propósito, o interesse de auto elevação. E é justamente a este ponto que pretendíamos chegar em *Caim*: esta representação do divino cristão é lotada de características humanas que tanto irritaram a deus

ao ponto de ele mandar fogo e água para expurgar o pecado da face da terra. Carvalho (2011, p. 38) afirma que: “O Deus saramaguiano que aparece em *Caim* é sempre à imagem e semelhança de sua criatura, os defeitos apresentados são os mesmos dos homens.”. Logo, há muito mais semelhanças que diferenças entre o humano e deus, se nesse momento o divino parece mais cruel e caprichoso que o próprio homem.

## 2. Considerações Finais

As propostas utilizadas por José Saramago para constituir essa paródia, como *Caim* confrontando a representação de deus, os saltos temporais e a escolha bem definida de cada episódio, ensejam à esta obra um mar de possíveis análises. Nesse sentido, a partir das discussões propostas neste trabalho concluímos que uma dessas análises propõe que este livro é sim uma paródia, que realiza representações inovadoras de personagens bíblicos para preencher lacunas na narrativa bíblica.

O deus de Saramago em *Caim* foi o alvo das análises e percebemos que as ações questionáveis e incoerentes desta figura são desenvolvidas por Saramago para a compreensão do leitor de que a personagem deus possui várias facetas. Para *Caim*, uma delas é revelada e nesse momento toda a mistificação cai por terra e uma visão crítica da divindade é possível, e nós, os leitores, somos transportados para junto de *Caim* diante da “Verdadeira face” (SARAMAGO, 2017, p. 172) de deus, mostrando o conceito paradoxal que esse divino cristão carrega em si, o ser, em teoria, bom e ao mesmo tempo perverso.

De fato, em *Caim* Deus é o grande culpado por todas as atrocidades do mundo. Desde a primeira linha, o narrador descreve-o como demasiadamente irascível, vaidoso e corrupto. Já na cena a criação, o “senhor”, dada a inexistência de voz em suas criaturas, fica irritado e enfia-lhes a língua boca adentro. Imagem bem diferente da que consta no Gênesis, onde Deus caminha no jardim na viração do dia e tudo parece estar em harmonia. (AMARAL, 2011, p. 101)

Assim como Amaral apresenta, o deus de Saramago não é o mesmo deus bíblico, o qual é bondoso, benevolente, justo e está em uma distância celestial da humanidade. O outro é cruel, irritado, egocêntrico, narcisista, características estas que nas análises percebemos que podem ser ligadas à figura humana que é cheia de defeitos. Por isso, chegamos à conclusão de que esse deus saramaguiano é um “deus humanizado”, um deus-humano, não um semideus<sup>6</sup> como na mitologia, mas um ser divino e cristão que criou a humanidade e tem características ruins e defeitos em convergência com sua criação.

De qualquer forma, sabemos que tratar deste tema é um tanto perigoso e polêmico, por

---

<sup>6</sup> Conforme o dicionário Aurélio (1999, p. 1833): “*Mit.* O filho de um deus e de uma mortal, ou de uma deusa e um mortal; herói.”

isso, mais uma vez, reiteramos que as crenças e a ficção devem ser separadas para uma melhor compreensão da proposição. Saramago não buscava questionar a existência ou não de deus, mas sim apresentar uma nova perspectiva para a literatura, com nuances extremamente relevantes e instigantes. Nem a obra portuguesa de Saramago nem este artigo têm a intenção de ofender qualquer religião, crença ou qualquer indivíduo, e sim ponderar acerca de algumas questões narrativas, de personagens e questões literárias, no geral.

Dado o exposto, salientamos a importância da literatura e a necessidade de pesquisas científicas em todos os gêneros literários. Nesta pesquisa em específico, a importância é igualmente grande, pois o romance analisado é um dos últimos escritos por José Saramago, que trata de um tema polêmico e ainda assim é uma obra cheia de possibilidades interpretativas ainda pouco exploradas. O presente artigo tenciona corroborar com estudos que busquem aprofundar-se ainda mais sobre assuntos literários e a obra saramaguiana, bem como ser – talvez - um ponto de partida para que outros olhares e outros vieses possam ser investigados, chegando assim à luz do conhecimento.

## Referências

- AMARAL, André Luiz do. *Que diabo de deus é esse? Divinas ficções de José Saramago*. 2011. Dissertação (Mestrado em Literatura). Programa de Pós-Graduação em Literatura. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis/SC. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/106718>
- BOICE, James Montgomery. *Fundamentos da fé cristã – Um manual de teologia ao alcance de todos*. Tradução de Eduardo M. Oliveira, Eliane Albuquerque, Hivana Malafaia e Joel Macedo. Rio de Janeiro: Ed. Central Gospel, 2011.
- CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. Tradução Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2007.
- CARVALHO, Darleyson. Deus em Saramago a partir da leitura do romance Caim. In: Congresso de Teologia da PUC/PR. Curitiba: Champagnat, 2011.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: 3º Ed. totalmente revista e ampliada. Nova Fronteira, 1999.
- HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Tradução de Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.
- HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da paródia*. Tradução de Teresa Louro Pérez. Rio de Janeiro: Edições 70, 1985.
- NERY, Antonio Augusto. Caim (José Saramago) e a paródia que (re)valoriza. *Forma breve - revista de literatura: Caim e Abel: contos e recontos*. Nº 12, p.157-166. Universidade de Aveiro, 2016. Disponível em: <https://proa.ua.pt/index.php/formabreve/article/view/5137>
- REIS, Carlos. *Diálogos com Saramago*. Lisboa: Ed. Caminho, 1998.
- SARAMAGO, José. *Caim*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- SUMAN, Guilherme. Caim: a psicologia de Deus na obra de José Saramago. In: *Nau Literária*, Porto Alegre, vol. 8, n. 2, p. 1-11, jul-dez, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1981-4526.31880>
- VOGLER, Christopher. *A jornada do escritor*. Tradução de Ana Maria Machado. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.